



mente de se estabelecer na cidade.

“Segundo a sabedoria zen, quem é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo vago”, argumenta o arquiteto, para quem o esforço laborativo não pode, e não deve, distanciar o profissional de seu cotidiano. “Milão me deu a exata dimensão do que isso significa em termos práticos. Do quanto indissociáveis são estas duas facetas da vida”.

Acalentado por ele desde o início, o desejo de viver e trabalhar na cidade só começou mesmo a tomar forma definitiva em 1996. Mais precisamente quando o arquiteto se separou com as instalações de uma oficina mecânica desativada, na região sul da cidade e decidiu dar início à sua carreira solo.

“Percebi que meu sonho estava em vias de se transformar em realidade. Aquele edifício oferecia todas as condições de se conver-

ter em minha casa-estúdio”, lembra Bello Dias, que não poupou esforços para empreender uma radical reforma no imóvel.

Convertido em um loft de 350m², com três pavimentos e pátio interno, hoje pouco, ou quase nada, no edifício remete à sua ocupação original. “Da antiga oficina tudo o que restou foi a memória do contínuo fluxo entre seus dois pavimentos”, considera ele.

Ocupado pelo escritório do arquiteto, o pavimento térreo conta também com um pátio de acesso comum. No primeiro andar, Ricardo posicionou um living aberto diretamente para a cozinha. No segundo, as dependências privadas da casa. Interligando todos os níveis, um grande volume reina a céu aberto.

“A criação de um pátio interno foi a chave desse projeto. Visualmente, ele pode ser acessado de qualquer pavimento, além de funcionar como uma espécie de espinha dorsal do prédio,

➤ Mesa de jantar com tampo de vidro Helix, de Ricardo Bello Dias para a Former. O candelabro é assinado pelo designer Tom Dixon e o quadro azul, apoiado no chão, por Marco Currò. Ao lado, poltrona de Piet Hein Eek



Minimalismo à italiana

Surgido na década de 1950, em consonância com o advento da arquitetura modernista, o estilo minimalista aplicado à decoração de interiores ganhou novo impulso a partir da segunda metade da década de 1990. Muito em função, diga-se, da

atuação de alguns arquitetos e designers italianos do período. Fascinados pela simplificação máxima do desenho dos móveis e interiores mas sem o rigores da escola japonesa, presente na obra do designer Shiro Kuramata, para a nova geração minimalista, representada

por arquitetos como Piero Lissoni e Antonio Citterio, interessava sim redesenhar a casa. Mas, desta vez, tendo como pano de fundo sua adequação a espaços cada vez menores. Desprovida de detalhes desnecessários, na decoração imaginada por

eles, como por seus antecessores modernistas, a estética deve estar sempre alinhada à funcionalidade. Poucos móveis e objetos, às vezes até nenhum, merecem compor os ambientes. Ainda assim, cada peça deve ser escolhida tendo em vista ocupar os interiores domésticos da

forma mais desprovida possível. Abajures, cortinas e tapetes devem ser abolidos, ou preferencialmente reservados ao quarto ou ao banho. Ao contrário dos minimalistas radicais, para os italianos, cores são bem-vindas. Desde que primárias e claro, sem excessos.